

# O AMOR COMO CURA NO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO À LUZ DA LOGOTERAPIA

---

Roberta Pereira Curvello

<http://lattes.cnpq.br/1303978230391964>

Bruno Afonso Alves da Silva

<http://lattes.cnpq.br/7814667062526790>

Kahrime Fadel Zahdi

<http://lattes.cnpq.br/8198334675791964>

Lorena Campos Leite Ramos

<http://lattes.cnpq.br/1929895324873620>

Vinícius Endres Sander

---

**RESUMO:** O presente artigo, apresentado como requisito para conclusão da pós-graduação em Logoterapia e Análise Existencial Frankliana do Centro Universitário Central Paulista (UNICEP), investiga o tema do amor como cura no processo psicoterapêutico, à luz da logoterapia. Para tal, foi feita uma revisão bibliográfica das obras de Viktor Frankl, fundador da logoterapia, a fim de investigar o que o mesmo entende como “cura” dentro da sua teoria, as suas conceituações e colocações a respeito do amor, e como essa cura se dá na relação entre terapeuta e paciente, através do amor. O amor figura como elemento especificamente humano, central na antropologia e na teoria frankliana, e essencial para o sucesso do atendimento terapêutico.

**PALAVRAS-CHAVE:** logoterapia; amor; autotranscendência; cura.

**ABSTRACT:** This article, presented as a requirement for completing the postgraduate course in Logotherapy and Franklian Existential Analysis at Centro Universitário Central Paulista (UNICEP), investigates the theme of love as a cure in the psychotherapeutic process, in the light of logotherapy. To this end, a bibliographical review of the works of Viktor Frankl, founder of logotherapy, was carried out in order to investigate what he understands as “cure” within his theory, his conceptualizations and positions regarding love, and how this cure it occurs

in the relationship between therapist and patient, through love. Love appears as a specifically human element, central in anthropological and Franklian theory, and essential for the success of therapeutic care.

**KEY WORDS:** logotherapy; love; self-transcendence; cure.

## 1 INTRODUÇÃO

Viktor Emil Frankl (1905 - 1997), fundador da Logoterapia, médico neurologista e psiquiatra judeu, viveu por 3 anos registrado como o prisioneiro nº 119.104 nos campos de concentração nazista. Depois de ser libertado em 1945, Frankl publicou cerca de 30 obras divulgando a Logoterapia, também chamada de Análise Existencial, além de pronunciar uma narrativa testemunhal, fazendo memória de sua vida e percepção sobre tantas circunstâncias observadas e sentidas ao lidar com seu sofrimento e de tantas outras pessoas que encontrava.

A Logoterapia, conhecida como a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia” (a Primeira de Sigmund Freud, e a Segunda de Alfred Adler),<sup>1</sup> tem como princípios fundamentais: 1) a liberdade da vontade; 2) a vontade de sentido; 3) o sentido da vida (Frankl, 2011, p. 7).

Na visão da Logoterapia, os psicoterapeutas têm a oportunidade de encorajar as pessoas a lidarem com o vazio existencial, de auxiliar as pessoas a lidarem com seus dramas particulares, circunstâncias que levam à depressão, comportamentos agressivos e toxicodependentes. Deste modo, os terapeutas podem propiciar ações que levam seus pacientes a não paralisarem suas vidas diante dos próprios impulsos, ao contrário, incentivam o caminho da autotranscendência.

Nesse sentido, ao debruçar-se sobre os conceitos desenvolvidos por Frankl, observa-

-se que a Logoterapia favorece o encontro terapêutico no sentido de ampliar o campo de visão do paciente acerca dos seus próprios valores, facilitando que a pessoa realize decisões de maneira livre e responsável. Compreende-se, assim, que a oportunidade terapêutica para a promoção do bem-estar e da saúde do paciente ocorre no encontro com uma pessoa. A partir disso, o presente trabalho tem como objetivo descrever como o amor do psicoterapeuta pode favorecer o processo de cura do paciente, segundo a visão da Logoterapia.

No que se refere a organização textual, o trabalho foi estruturado em Introdução, Metodologia e Fundamentação Teórica, essa será dividida em 2 subtópicos onde será tratado primeiro, a cura no processo psicoterapêutico na visão da logoterapia. E em seguida sobre o conceito de amor para Viktor E. Frankl. E por fim a discussão e considerações finais.

*ALLPORT, Gordon W. in FRANKL, Viktor E. Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração. 53 ed. São Leopoldo: Sinodal ; Vozes, 2021, Prefácio, p. 8.*

## 2 METODOLOGIA

Para nortear o alcance deste entendimento, reuniu-se estudos e pesquisas exploratórias, por meio de levantamentos bibliográficos, que trazem articulações teóricas mais atualizadas e que possam ser mais uma via de compreensão para profissionais, bem como leigos que almejam entendimento sobre esta abordagem psicoterápica.

## 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 3.1 . A CURA NO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO NA VISÃO DA LOGOTERAPIA

Para Viktor Frankl, o fundador da Logoterapia, o objetivo da psicoterapia é propriamente a cura da alma (Frankl, 2016, p. 225). Essa cura, na visão da Logoterapia, ocorre através da busca do sentido, pois o termo “logoterapia”, além de ser traduzido como “terapia através do sentido”, também pode ser traduzido como “cura através do significado” (Frankl, 2005, p. 17).

Esse significado, ou sentido, consiste em algo ou alguém além de si mesmo e tem como pressuposto a autotranscendência, que é a essência da existência humana. Segundo Frankl (2021a, p. 173) “o homem é caracterizado pela busca de sentido e propósito na vida, e a inquietude do coração (para utilizar termos agostinianos) só cessa quando ele encontra e cumpre tal sentido e tal propósito”.

Portanto, o sentido é sempre algo exterior que ultrapassa o próprio indivíduo, e pode ser encontrado na realização de um trabalho ou ato de serviço, na vivência de experiências ou no encontro com alguém; e pela atitude que se toma diante de um sofrimento inevitável (Frankl, 2021b, p. 135). Em todos os casos, é imprescindível que a pessoa se volte para algo ou alguém que não ela mesma.

*Ao declarar que o ser humano é uma criatura responsável e precisa realizar o sentido potencial de sua vida, quero salientar que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro*

*da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado. Chamei essa característica constitutiva de “a autotranscendência da existência humana”. Ela denota o fato de que o ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo – seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar. Quanto mais a pessoa esquecer de si mesma – dedicando-se a servir uma causa ou a amar outra pessoa –, mais humana será e mais se realizará. (...) a autorrealização só é possível como um efeito colateral da autotranscendência. (Frankl, 2021b, p. 135).*

Frankl classifica a autotranscendência como um fenômeno tipicamente humano, sendo, portanto, proveniente da dimensão espiritual, ou noética, pois é a dimensão onde se encontram todos os fenômenos exclusivamente humanos. A partir disso, fica claro a razão pela qual Viktor Frankl concorda com Paracelso, médico suíço, que dizia que a cura provém do reino do espírito (Frankl, 2005, p. 20). Ao sair de si para encontrar e realizar o sentido, o paciente eleva-se à dimensão espiritual que está acima das dimensões biológica e psicológica.

*A capacidade de oferecer uma atitude diante dos fenômenos somáticos e psíquicos implica a elevação a um outro nível e a abertura a uma nova dimensão, à dimensão dos fenômenos noéticos, ou dimensão noológica – em distinção à biológica e à psicológica. É nessa dimensão que os fenômenos tipicamente humanos devem ser localizados. Ela poderia ser igualmente definida como dimensão espiritual. (Frankl, 2011, p. 27-28).*

A cura, portanto, é alcançada no processo terapêutico na medida em que o paciente eleva-se à dimensão espiritual, exerce a autotranscendência, encontra e realiza o sentido de modo livre e responsável.

*A interpretação do sentido pressupõe que o homem seja espiritual; a realização do sentido pressupõe que ele seja livre e responsável. Esses três elementos existenciais são acessíveis somente quando os seguimos na esfera noológica, onde o homem, na sua inteireza, transcende o nível psicobiológico e se estabelece verdadeiramente. (Frankl, 2021a, p. 131).*

Vale ressaltar que a cura não significa eliminação de todos os sofrimentos, nem que se deva promover um estado de homeostase, ou a busca do prazer e a fuga da dor. A Logoterapia preocupa-se mais com a atitude do paciente em relação ao sintoma do que com o sintoma em si, uma vez que a atitude errada é que de fato é patogênica (Frankl, 2021a, p. 82). Os sofrimentos como a culpa, a dor e a morte, dos quais não se pode fugir, não são fatores que impedem a cura, pois o que torna a pessoa saudável é a atitude que ela escolhe diante dos seus destinos.

*Um dos princípios fundamentais da logoterapia está em que a principal preocupação da pessoa não consiste em obter prazer ou evitar a dor, mas antes em ver sentido em sua vida. Essa é a razão por que o ser humano está pronto até a sofrer, sob a condição, é claro, de que seu sofrimento tenha sentido. (Frankl, 2021b, p. 137).*

Além do sofrimento não ser impeditivo para a descoberta do sentido da vida e, conseqüentemente, para a cura da alma, Viktor Frankl defende que um certo grau de tensão é pré-requisito indispensável para a saúde mental. Trata-se da “tensão entre aquilo que já se alcançou e aquilo que ainda se deveria alcançar, ou o hiato entre o que se é e o que se deveria vir a ser.” (Frankl, 2021b, p. 129-130).

Por fim, verifica-se que a cura no processo psicoterapêutico, segundo a Logoterapia, pressupõe a elevação do paciente ao nível da dimensão espiritual para que ele aja na vida, independentemente de qualquer situação de sofrimento, de modo autotranscendente, livre e responsável. Em outras palavras, a cura é alcançada na medida em que o paciente vive de maneira verdadeiramente humana.

### 3.2 O CONCEITO DE AMOR PARA VIKTOR E. FRANKL

O fenômeno do amor é central na logoterapia e na logoterapia frankliana. Em várias obras, Viktor Frankl fala, mesmo que brevemente, a respeito do amor. O amor é um dos pontos centrais de sua antropologia. É tão grande a importância desse fenômeno para Frankl que o mesmo o coloca ao lado da consciência, como os dois fenômenos mais humanos (Frankl, 2011, p. 29).

De acordo com Heloísa Marino<sup>2</sup>, um dos grandes pilares da logoterapia - e que a diferencia de outras linhas teóricas - é a visão do ser humano como espiritual. Essa espiritualidade humana significa autotranscendência, ou seja, a capacidade exclusivamente humana de ir para além de si, e por isso vislumbrar o mundo, os valores, o sentido. Essa realidade do ser humano enquanto um “ser para fora” é pressuposto antropológico das principais técnicas da logoterapia, como a técnica da derreflexão que se baseia justamente no fato de que o ser humano é capaz

de sair de si mesmo e adoece ao ficar focado demasiadamente em si.

Novamente, de acordo com Marino, essa capacidade de sair de si implica intencionalidade, que gera presença e relação.

*O tema da intencionalidade é um tema-chave para compreender a antropologia Frankliana, já que “estar junto a outro” não se dá somente num plano cognoscitivo mas também num plano afetivo. (...) é preciso abrir-se para o outro, pois este “estar junto a”, entre seres semelhantes, só é possível na entrega que se chama amor. (Marino in Frankl, 2019a, p. 15).*

Quando ao amor estar num plano que vai além do cognoscitivo, é porque, na visão frankliana, o conhecimento mais existencial que há não é o intelectual, mas o que se dá através da relação. Nesse caso, o conhecimento do outro vem justamente do amor, que permite reconhecer a unicidade da pessoa:

*No amor, o amado é essencialmente captado como um ser irrepitível no seu ser-aí (Dasein), e <<único>> no seu ser-assim (So-sein), que é o que ele é; concebido como Tu e, enquanto tal, acolhido num outro Eu. Como figura humana, vem a ser, para quem o ama, insubstituível, ninguém podendo fazer as vezes dele (...). (Frankl, 2019b, p. 221).*

Sinteticamente, Frankl explica (2011, p. 29) que “o amor, eu diria, constitui a capacidade de apreender outro ser humano em sua genuína singularidade”.

Frankl abordou o amor enquanto fenômeno propriamente humano tanto no sentido romântico, explicando a diferença entre eroti-

<sup>2</sup>MARINO, Heloísa Reis. Prefácio à Segunda Edição Brasileira. In: FRANKL, Viktor E. **O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia**. 1 ed. São Paulo: É Realizações, 2019a.

cidade e amor e como ambos ocorrem juntos na relação entre os pares (Frankl, 2019b, p. 222-225), quanto o amor num sentido mais global, como modo de relação entre os seres humanos.

Na obra *Psicoterapia e Sentido da Vida*, a mais importante obra sobre logoterapia escrita por Frankl, o mesmo elenca alguns adjetivos que ajudam a explicar o fenômeno do amor, e o que ele é na visão da logoterapia (Frankl, 2019b, p. 220-221).

O primeiro aspecto do amor é que ele é graça. O amado não tem “culpa” de receber amor. Ou seja, quando o amor ocorre, é por pura graça, e não por merecimento pessoal.

Num segundo momento, além de graça, o amor é feitiço. Isso porque o mundo daquele que ama é como que expandido. O amante, enfeitiçado pelo ser único e irrepitível do ser-amado, é capaz de captar mais valores, como que vendo o mundo de uma forma mais colorida.

*Assim, o amante, ao entregar-se ao Tu, experimenta um enriquecimento interior que transcende esse Tu: o cosmos inteiro torna-se para ele mais vasto e mais profundo na sua valiosidade; resplandece nos raios de luz daqueles valores que só o enamorado sabe ver, pois, afinal, não faz cegos o amor, mas sim videntes - dando aguda visão para os valores. (Frankl, 2019b, p. 221).*

Ao contrário do provérbio popular que diz que o amor é cego, a logoterapia entende que o amor é vidente por ampliar a visão de quem ama. Além disso, permite ver no outro

as potencialidades que ele próprio ainda não vê, mas que o amante já percebe. Esse aspecto do amor é especialmente interessante quando pensa-se na relação entre paciente e terapeuta.

Por fim, o amor é milagre. Contudo, tal aspecto só se realiza no amor romântico, pois trata-se do amor enquanto gerador de uma nova vida. O novo ser gerado – o filho – mostra uma unicidade própria, ao mesmo tempo em que é encarnação do amor de ambos amantes e é a afirmação da especificidade dos dois, agora unida.

## 4 DISCUSSÃO

A função do logoterapeuta é, em sentido figurado, como a função de um oftalmologista que intenciona capacitar o paciente a enxergar o mundo como ele é na realidade. Desse modo, o logoterapeuta busca “ampliar e alargar o campo visual do paciente de forma que todo o espectro de sentido em potencial se torne consciente e visível para ele” (Frankl, 2021b, p. 134-135).

A partir disso, percebe-se que o amor é essencial na relação entre o terapeuta e o paciente, pois, como visto no capítulo anterior, o amor é vidente, sendo o elemento responsável por ampliar a visão de quem ama e permitir a quem ama ver no ser amado as potencialidades que estão contidas nele, e que ele ainda não vê.

*Amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade. Ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-lo. Por seu amor a pessoa se torna capaz de ver os traços característicos e as feições essenciais do seu amado; mais ainda, ela vê o que está potencialmente contido nele, aquilo que ainda não está, mas deveria ser realizado. Além disso, através do seu amor a pessoa que ama capacita a pessoa amada a realizar estas potencialidades. Conscientizando-a do que ela pode ser e do que deveria vir a ser, aquele que ama faz com que estas potencialidades venham a se realizar. (Frankl, 2021b, p. 136).*

Nesse sentido, ao amar o paciente, o terapeuta torna-se capaz de ver o que está potencialmente contido nele e que deveria ser realizado, pois “só no amor se conhece o outro verdadeiramente e em profundidade” (Vicente, 2016, p. 22). Portanto, é imprescindível que o terapeuta ame seu paciente

no sentido de ser capaz de perceber qual a necessidade mais profunda e verdadeira daquele ser humano único e irrepetível a fim de poder conduzi-lo com uma intenção consciente em direção à cura. Ou seja, o terapeuta deve olhar para seu paciente como um todo e, além disso, ter consciência da intenção que guia a sua intervenção psicoterapêutica.

*Essa é a razão pela qual eu acredito ser importante que o terapeuta seja bem consciente da visão por meio da qual ele aborda seus pacientes e que tenha, igualmente, conhecimento das implicações metaclínicas de sua prática. O que importa, realmente, nunca é a técnica por si mesma, mas o sentido, a intenção que guia a técnica (...) (Frankl, 2011, p. 41).*

Enquanto são percebidas apenas as características físicas e psicológicas, não há amor, pois, o amor, necessariamente deve contemplar a dimensão espiritual do ser-amado. Por essa razão, o terapeuta que não enxerga além da dimensão física e da dimensão psicológica, ou seja, que não ama o paciente, está negligenciando a dimensão especificamente humana: a dimensão espiritual.

*(...) cumpre acentuar que amor é sempre amor dirigido para um ‘tu’. (...) O valor só pode ser amado quando personificado por alguém. (...) já que todo atributo, todo traço de caráter, é mais ou menos ubíquo, e só a pessoa espiritual, pelo contrário, é em cada caso amada, única, e somente ao ser percebida em sua unicidade. (...) a atitude amorosa se define pelo fato de que através de sua imagem externa e interna, é enfocada a pessoa espiritual que a imagem revela. (Frankl, 2019a, p.270).*

Na obra *Psicoterapia e Sentido da Vida* (2019), Frankl cita uma expressão utilizada por v. Hattingberg, que “o amor vê o ho-

mem tal como Deus o <<pensou>>”, e, continua, “O amor, diríamos, faz-nos contemplar a imagem de valor de um ser humano” (2019b, p. 243). Neste sentido, o olhar amoroso é um olhar benevolente, pois enxerga e contempla o valor, a unicidade e a irrepetibilidade do ser humano, além de, conforme já exposto, ser vidente por perceber o que a pessoa pode vir a ser.

O vir a ser da pessoa é a perfeição que a pessoa pode alcançar, de modo que só é possível vislumbrar a realização de tal perfeição através do olhar amoroso. Por essa razão, é somente com amor no processo terapêutico que o terapeuta pode ajudar o paciente a ampliar a sua visão para a possibilidade de perfeição no seu vir a ser.

Para o professor Cláudio Garcia Pintos, (2017, p. 156), “o amor capta o bem que há na pessoa, e diante do bem, não podemos menos que aceitá-lo”. Pela capacidade que o ser humano possui de conhecer, escolher, aceitar e amar o Bem que há no outro ou na vida, a pessoa pode enriquecer a sua interioridade com a riqueza que o outro é através das vivências.

Observa-se com isso que a Logoterapia convida o terapeuta a conhecer, acolher, aceitar e amar, e que a vivência e os encontros podem enriquecer interiormente o paciente, bem como aperfeiçoá-lo.

O Amor é um Bem supremo, e o Bem é algo que leva ao aperfeiçoamento, é o último estágio que uma pessoa humana pode chegar na busca da perfeição. Contudo, a perfeição não é um atributo humano, vez que exige completude, ou seja, ser perfeito é ser com-

pleto, acabado, pronto. E a pessoa humana não está pronta, está sempre se aprontando, fazendo ou aperfeiçoando, está sempre vindo a ser algo melhor, podendo chegar àquilo que nasceu para ser. É justamente nesse processo que o terapeuta auxilia o paciente a estar sempre se atualizando e se aperfeiçoando.

Pode-se acrescentar, ainda, que quanto mais se aperfeiçoa, mais se aproxima do Bem, e que a consciência ajuda nesse caminho, pois ela sempre aponta para o Bem e para a Verdade. A consciência sempre aponta para o sentido, e o sentido da vida é um bem.

Quando o terapeuta ajuda alguém a encontrar o caminho do sentido, ajuda essa pessoa a ter uma experiência com o Bem supremo, uma experiência de Amor. Amar é desejar o bem do outro, fazer o bem ao outro e querer o bem para o outro. Amar é colocar o outro no caminho do sentido!

E por fim, partindo do pressuposto que o Bem é o fim último, ao dividi-lo em dimensões, observa-se que na dimensão do corpo, o bem é a saúde física; na dimensão psíquica, é a maturidade para lidar com as emoções; e na dimensão espiritual, o ápice do bem é o amor, pois o que de maior a pessoa pode alcançar na vida é amar.

Nesse sentido, quando Frankl fala da essência da existência, como já visto acima, é a Autotranscendência. Ele também afirma que a Autotranscendência é o amor propriamente dito. Desse modo, há que se ajudar as pessoas a amarem e viverem o amor, porque a pessoa que ama, realiza sua existência. Portanto, quanto mais próximo do amor a

pessoa estiver, mais feliz, mais realizada e mais próxima do sentido ela estará. Assim, cabe ao terapeuta direcionar este amor ao paciente, de forma a ampliar a possibilidade do paciente alcançar o ápice da dimensão espiritual, que é o amor.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo à luz da logoteoria Frankliana exposta no presente artigo, grande parte dos problemas e dificuldades que leva o paciente a procurar ajuda psicológica é por um ensi-  
mesmamento, um fechamento da pessoa em si mesma que a impede de olhar para fora. Se a essência da existência humana, ainda segundo Frankl, é a autotranscendência, esta podendo ter como sinônimo o amor, cuja compreensão pode ser sintetizada na saída de si em direção a algo ou alguém que está fora, pode-se concluir que o paciente busca ajuda psicoterapêutica por não saber, ou não conseguir, amar.

Aquilo que não se sabe precisa ser aprendido, e o que não se consegue (im-potência – falta ou ausência de poder) precisa-se de meios de ação para poder. Diante deste cenário, cabe ao psicoterapeuta elucidar e ajudar na construção dos recursos espirituais que o paciente precisa para saber e conseguir amar, realizando, assim, a essência de sua existência e obtendo recursos para continuar encontrando sentido na vida.

Porém, para isso, como logicamente não é possível dar a alguém algo que não se possui, o psicoterapeuta precisa ser essa presença amorosa e educativa na vida do paciente para que ele aprenda e consiga amar dentro de sua circunstâncias concretas e do chamado que a vida lhe faz a todo momento. A presença é aquela que convoca. Se Educação é extrair de dentro para conduzir para fora, indo de um estado para outro, e por isso o aperfeiçoamento intencional das potencialidades especificamente humanas em que ela vai responder de forma livre e res-

ponsável, realizando valores e alcançando o ser vir-a-ser, logo, só acontece nessa relação educador-educando, com o educador sendo uma presença amorosa para poder convocar o educando, mobilizando sua vontade de sentido.

Assim, com o psicoterapeuta amando o paciente, mobiliza a potencialidade para amar que o paciente já possui, viabilizando seu processo de cura ao passar a agir mais de modo autotranscendente, realizando valores, respondendo responsável e livremente em sua realidade singular e, no fim, podendo também ser uma presença amorosa diante do mundo no qual se relaciona.

Como essa atitude de autotranscendência parte da dimensão propriamente humana, que é a espiritual/noética, cabe salientar que este amor supracitado é o amor propriamente dito, também chamado de benevolência por outros autores: “o amor é a mais plena realização das possibilidades latentes do homem. A potencialidade (do latim - *potentia* - possibilidade, poder) própria da pessoa é atualizada mais plenamente pelo amor (a palavra “atualizar”, do latim “*atus*” - ato, perfeição). A pessoa encontra no amor a maior plenitude do próprio ser, da sua existência objetiva.

Portanto, o amor é a atividade, ato, que desenvolve mais completamente a existência da pessoa. [...] é verdadeiro quando realiza a sua essência, isto é, quando se orienta para um bem verdadeiro (não só aparente) e de maneira verdadeira, ou seja, de maneira correspondente à sua natureza. [...] a benevolência é o desinteresse no amor: ‘Não te desejo como um bem’, mas ‘Desejo

o teu bem’, ‘Desejo o que é um bem para ti’.” (Wojtyła, 2015, p. 74). Deste modo, e a partir do que foi exposto, conclui-se que o amor é, de fato, fundamental para o processo de cura do paciente em um processo psicoterapêutico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANKL, Viktor E. **A falta de sentido: Um desafio para a psicoterapia e a filosofia.** 1 ed. Campinas-SP: Editora Auster, 2021a.

FRANKL, FRANKL, Viktor E. **A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia.** Ed. ampl. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração.** 53 ed. São Leopoldo: Sinodal ; Vozes, 2021b.

FRANKL, Viktor E. **O sofrimento humano: Fundamentos antropológicos da psicoterapia.** 1 ed. São Paulo: É Realizações, 2019a.

FRANKL, Viktor E. **Psicoterapia e sentido da vida: Fundamentos da logoterapia e análise existencial.** 7 ed. São Paulo: Quadrante, 2019b.

FRANKL, Viktor E. **Teoria e Terapia das Neuroses: introdução à logoterapia e à análise existencial.** 1 ed. São Paulo: É Realizações, 2016.

FRANKL, Viktor E. **Um sentido para a vida: Psicoterapia e humanismo.** Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2005.

FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus.** 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

MARINO, Heloísa Reis. Prefácio à Segunda Edição Brasileira. In: FRANKL, Viktor E. **O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia.** 1 ed. São Paulo: É Realizações, 2019a.

PINTOS, Claudio G. **O mar me contou.** Cidade Nova, 2017.

VICENTE, Ronaldo de O. **O sentido do amor na Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl.** 2016. E-book.

WOJTYŁA, Karol J. **Amor e Responsabilidade.** São Paulo: Cultor de Livros, 2015.